

CRÔNICA HOMEM NA VARANDA²²

Bárbara Klim

(Graduanda em Letras - UNIRIO)

Não vejo ninguém na praia diante do Sol, mas do mar observo, entre árvores e telhados, uma varanda.

Enquanto nado a uma certa distância, em fortes braçadas, consigo pressentir um olhar vindo daquele ponto. Trata-se de um homem sentado em uma cadeira de balanço. Presumo que não supõe que eu consiga vê-lo contemplando sua calmaria, pois está sozinho em sua varanda mergulhado em pensamentos. Percebo naquele homem uma serenidade que já a perdi e agora apresenta-se como algo inalcançável, por isso acompanho seus modestos movimentos de ir e vir como se estes fossem inabituais. Indago-me o que deve estar pensando sobre mim... Talvez julgue que eu esteja em consonância com sua pacificidade, mas adianto que tal quietude é apenas um disfarce. Na verdade, vivo em contraste com o belo azul das ondas tênues.

Lamento por perdê-lo de vista atrás da árvores ou escondido pelo telhado em algum momento. Continuo o percurso e capturo sua imagem para sempre lembrar-me que vi um homem sozinho sentado em sua cadeira de balanço; quando o vi ele já estava lá, sereno e em paz; acompanhei-o durante todo o tempo possível, e testemunho a firmeza de seu olhar e quietação disposta.

Não espero encontrá-lo pessoalmente ou vê-lo novamente, mas sua tranquilidade cativou-me de modo ocasional. Minha estima e agradecimentos a esse anônimo, a esse cidadão, a esse espírito singular.

²² Versão da crônica *Homem no mar*, de Rubem Braga, sob a perspectiva de outro observador.